

VELL POBLE NOU

Era difícil, para quem visitava a torre Agbar em Barcelona, há poucos anos atrás, ficar indiferente a um pequeno conjunto de construções que a rodeavam. Este fragmento, incómoda reminiscência de uma cidade obsoleta, perturbava a imagem da Barcelona moderna de início do século da qual o edifício de Jean Nouvel seria estandarte máximo. Recordei-me, numa das minhas deambulações por ali, de uma passagem do recém publicado livro do antropólogo Manuel Delgado. Lembrava-me do sentido das palavras mas não da sua exactidão, que confirmei assim que pude: “aos pés dos volumes arquitectónicos singulares, à sua volta, estende-se a cidade indesejada mas verdadeira”¹. Hoje, aos pés do volume arquitectónico singular já não existem os *graffitis*, a *churreria* ou o quiosque de venda de bilhetes da lotaria: tudo desapareceu para dar lugar a mais um volume arquitectónico singular.

§

Era igualmente difícil, para quem percorria o bairro de Poble Nou em Barcelona, há poucos anos atrás, ficar indiferente à quantidade de edifícios abandonados que ali existiam. Nenhuma catástrofe, natural ou provocada pelo homem, tinha tido lugar; apenas o *Tempo, esse grande escultor* (parafraseando Marguerite Yourcenar) trabalhava implacavelmente, transformando duzentos hectares de construção industrial em ruínas. Por este cenário, sugestivo como uma bucólica paisagem tardo-renascentista, podíamos vagar como *dandys*, de olhar perdido no passado. O culto e as poéticas da ruína, legado do Romantismo Europeu que atingiu o seu auge no final do século XVIII, foi frequentemente confundido com simples nostalgia; no entanto, como explica Dalibor Vesely, o fragmento, para os

românticos, não era uma meta, mas sim um projecto incompleto que tinha por finalidade a conclusão num elevado nível de síntese e perfeição como parte de uma totalidade e de um sistema orgânico². Dando como exemplo o *rocaille*, Vesely afirma que a sua natureza inacabada é intencional, “pois expressa uma possibilidade de realização no futuro, da mesma forma que um organismo atinge a plenitude, a realização e a perfeição através do crescimento”³.

Acredito que é esta ideia de significação oculta, latente na ruína, que está por trás do desabafo de Juan José Lahuerta na sua carta de amor à cidade de Barcelona⁴. Mais do que um modelo de uma vida que já está acabada e morta, a ruína significa sobretudo a possibilidade de uma interpretação, de uma explanação definitiva – de uma interpretação do todo pela parte. É este desejo de plenitude que Lahuerta vê como “essência do kitsch que exige que tudo tenha solução”⁵. E a solução, neste caso, passava por redefinir o que devia ser o novo Poble Nou: “um distrito de inovação que oferece espaços modernos para a concentração estratégica de actividades intensivas em conhecimento”⁶. A conservação, junto dos novos volumes arquitectónicos singulares, das chaminés industriais – cristalizadas, totemizadas – resolvia esse *projecto incompleto* que era a ruína da cidade produtiva. Não será este cenário (que parece mimetizar uma pintura de Giorgio De Chirico: uma astronomia de objectos ancorados ao planeta unicamente pela fatal lei da gravidade⁷) resultado da “essência de uma política que apresenta a destruição física, a banalização e a venda da cidade como o caminho sem remédio em direcção à felicidade de viver numa loja, êxtase do escaparate, da modernidade”⁸, como refere Lahuerta? Não será o novo Poble Nou exemplo da relação entre destruição e



desaparecimento da vida que habita a cidade e comercialização ou marketização da mesma?

§

A desconfiança de Lahuerta em relação ao “caminho sem remédio em direcção à felicidade” foi-lhe transmitida, possivelmente, por quem melhor expressou o ódio contra essa (ilusória) doutrina do progresso: Charles Baudelaire. Quem, melhor do que o poeta francês, cantou, na Paris do século XIX, esse futuro onde tudo é passado, onde tudo já aconteceu e se limita a repetir?

*Paris change! mais rien dans ma mélancolie
N'a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs,
Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie*⁹

A poesia de Baudelaire, como tão bem resumiu Benjamin, “fez aparecer o novo no sempre igual e o sempre igual no novo”¹⁰. As obras do barão Haussmann serão também, um dia, ruínas; não poderão escapar ao ciclo inexorável de construção e destruição que caracteriza a grande cidade – e a própria vida. Não é de estranhar que Baudelaire, num pequeno ensaio, tenha escrito que lhe agradava mais o Edgar Allan Poe bêbado, pobre, perseguido e pária do que o Goethe calmo e virtuoso¹¹. Sabia que, por entre a espessa cortina do ópio e do álcool, o mestre norte-americano tinha entrevisto a derradeira ruína, o fragmento que já não tem reconstrução possível: o interior do homem moderno. A greta na fachada da casa de Usher, que anuncia a derrocada iminente, não é mais do que uma metáfora da sua alma descrente e atormentada.

§

Volto ao Poblenou através de uma série de fotografias que fui despreocupadamente fazendo ao longo dos últimos quatro anos. E recordo-me, desta vez, da incisiva observação de Susan Sontag sobre a relação entre fotografia

e destruição: “As câmaras começaram a duplicar o mundo num momento em que a paisagem humana começava a sofrer um vertiginoso ritmo de transformação”¹² – o momento em que Baudelaire escrevia as Flores do Mal.

Alguém escreveu também, desta vez nas paredes do que outrora foi uma casa, *te quiero Poblenou*. Esta declaração urgente, possivelmente de quem não possuía outro meio que não um rápido graffiti, certamente já desapareceu enquanto escrevo estas breves notas. Resta-me, como consolação, a capacidade da fotografia para registar o que está a ponto de desaparecer.

1 Manuel Delgado, *La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del Modelo Barcelona*, Madrid, Los Libros de la Catarata, 2007, p.239.

2 Dalibor Vesely, *Architecture in the Age of Divided Representation*, the MIT Press, 2004.

3 Dalibor Vesely, op. cit., p. 330.

4 Juan José Lahuerta, *Destrucción de Barcelona*, Barcelona, Muditó & Co., 2005.

5 Lahuerta, op. cit., p.14.

6 www.22barcelona.com.

7 Giorgio De Chirico, *On Metaphysical Art*. Citado por Dalibor Vesely, op. cit.

8 Lahuerta, op. cit., p.14.

9 Charles Baudelaire, *Le Cygne*. In *Les Fleurs du Mal*. Publicado originalmente em 1857.

10 Walter Benjamin, *Parque Central*. In *A Modernidade*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006 (orig. 1939).

11 Charles Baudelaire, *Edgar Allan Poe*. Coimbra, Editora Alma Azul, 2008. Entre 1852 e 1865 Baudelaire traduziu a obra de Poe para o francês.

12 Susan Sontag, *Sobre la Fotografía*, Barcelona, Debolsillo Contemporánea, 2010, p.25 (orig.1977).



Fotografias tiradas no Poblenou (Barcelona) entre 2006 e 2010 - autor: Tiago Lopes Dias